

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA BELEZA FEMININA
AMAZÔNICA: uma leitura em *Dois Irmãos*

Bolsista: CLAUDIA MARIA DE SERRÃO PEREIRA, FAPEAM

MANAUS
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB - H - 0080/2013

DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA BELEZA FEMININA
AMAZÔNICA: uma leitura em *Dois Irmãos*

Bolsista: Claudia Maria De Serrão Pereira, FAPEAM.
Orientadora: A: Prof^a Dr^a Cássia Maria Bezerra do Nascimento

MANAUS
2014

DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA BELEZA FEMININA
AMAZÔNICA: uma leitura em *Dois Irmãos*

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Grupo de Pesquisa Linguagens, Mídia e Moda (MIMO). Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa na do Estado do Amazonas, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvido no Grupo de Pesquisa Linguagens, Mídia e Moda (MIMO).

CLAUDIA MARIA DE SERRÃO PEREIRA

BOLSISTA

CÁSSIA MARIA BEZERRA DO NASCIMENTO

ORIENTADORA

Minha dor é perceber que apesar de termos feito tudo o que fizemos,
ainda somos os mesmos, e vivemos como os nossos pais.
Belchior

RESUMO

A investigação propõe desconstruir os estereótipos da beleza feminina amazônica em *Dois Irmãos* de Milton Hatoum visto que, no pensamento coletivo, há assimilação da beleza feminina amazônica com traçados indígenas, uma concepção de beleza desfragmentada da consciência dos episódios histórico-culturais amazônicos: Cabanagem, Ciclo da Borracha, implantação da Zona Franca, os quais trazem, para a Amazônia, nordestinos, europeus, orientais. Com o intuito de investigar os estereótipos da beleza feminina amazônica, procedeu-se dos estudos do *pensamento complexo* de Edgar Morin e da *teoria da residualidade* de Roberto Pontes. O *corpus* para a investigação está em *Dois Irmãos* com análise das personagens Domingas, Pau-mulato e Lívia. Como ferramenta, serão utilizadas peças publicitárias escolhidas para a representação da imagem feminina amazônica consagrada e difundida pela mídia.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Milton Hatoum, Beleza, Residualidade, Complexidade.

RESUMEN

La investigación propone *desconstruir* los estereotipos de la belleza femenina amazónica en *Dois Irmãos* de Milton Hatoum visto que, en el pensamiento colectivo, hay la asimilación de la belleza femenina amazónica con los perfiles indígenas, una concepción de belleza desfragmentada de la consciencia de los episodios históricos-culturales amazónicos: Cabanagem, Ciclo da Borracha, implantación de Zona Franca, los cuales ha traído para Amazonía, *nordestinos*, europeos, orientales. Con objetivo de investigar los estereotipos de la belleza femenina amazónica, ha procedido de los estudios del pensamiento complejo de Edgar Morin y de la teoría de la residualidade de Roberto Pontes. El *corpus* para la investigación está en la novela *Dois Irmãos* con análisis de los personajes Domingas, Pau-mulato e Lívia. Como herramienta, se utilizará de las piezas publicitarias elegidas para la representación de imagen femenina amazónica consagrada y difundida por la masa.

Palabras-clave: Literatura Brasileña, Milton Hatoum, Belleza, Residualidade, Complejidad.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Campanha publicitária da Nescafé ilustrada por uma mulher de traços delicados e finos 19
- Figura 2** –.Campanha que ilustra outra mulher, mas com o mesmo tipo físico da anterior20

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Milton Hatoum e <i>Dois Irmão</i>.....	3
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
2.1 A Literatura e o Pensamento complexo.....	4
2.2 A Residualidade Literária	7
2.2.1 Os aspectos teóricos da Teoria da residualidade cultural e literário.....	7
2.3 O estereótipo amazônico e a residualidade complexa	9
2.3.1 Amazônia e sua diversidade étnica	9
3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA	11
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	12
4.1 As Personagens Femininas de Milton Hatoum	13
4.1.1 A Cabocla Domingas.....	14
4.1.2 A Pau-Mulato	15
4.1.3 A heroína romântica, Lívia.....	16
4.2 Peças publicitárias	18
4.2.1 A mulher nas peças publicitárias	19
4.3 Relação entre as personagens feminina de Dois irmãos e as peças publicitárias	20
5. CONSIDERAÇÕES	23
REFERÊNCIAS	25
AGRADECIMENTOS.....	27
CRONOGRAMA.....	28

1. INTRODUÇÃO

A presente investigação propõe desconstruir ¹ os estereótipos da beleza feminina amazônica em *Dois Irmãos* de Milton Hatoum visto que, no pensamento coletivo, há assimilação da beleza feminina amazônica com traços indígenas, uma concepção de beleza desfragmentada da consciência dos episódios histórico-culturais amazônicos. Para isso, recorreremos inicialmente a Theodor Adorno (1970) para entendermos sobre o conceito de belo, o qual se circunda no conteúdo global do estético, sendo algo momentâneo e repetitivo, mas ligado ao contexto que lhe cerca. Logo, seria difícil simplificar a uma formalidade de conceito, já que se faz necessário ultrapassar as barreiras da formalidade e explorar os valores que lhe rodeiam. O belo, portanto, se modifica de acordo com determinados períodos, e é idealizado por e para diferentes grupos, sendo modulado pelo contexto, registrado em arte e pelos veículos de comunicação. No entanto, em sua maioria, as representações do belo se convertem em estereótipos. As mulheres, por exemplo, não possuem o tipo de beleza difundido, e costumam perseguir (em algumas ocasiões em alto custo) o padrão comumente veiculado.

Por razão disso, direcionamos as indagações de nossos estudos para o representativo da beleza, mas especificamente da região amazônica, uma vez que é de senso comum esperar uma representação física conforme os traços de um povo predominante: estão aí os tipos indígenas para representação da região Norte e os tipos europeus para a região Sul são exemplos clássicos.

¹ Por *Desconstruir*, conforme Jacques Derrida (1967) em Gramatologia, é a desmontagem, decomposição. Na presente pesquisa, o sentido, segue de desmontagem, não de exclusão ou destruição. A linha de raciocínio segue o que Morin (2011) propõe sobre o múltiplo e uno.

Indagamos assim os motivos de existir propagação de tipos físicos que recaem, frequentemente, em uma perspectiva de características indígenas, principalmente nos veículos de comunicação, não reconhecendo, assim, em âmbito nacional e internacional, que as características amazônicas não se confinam somente nas indígenas, uma vez que a Amazônia foi berço amplo de colonização europeia, do Ciclo da Borracha (1879-1912; 1942/1945), Cabanagem (1835-1840), Juta e Malva (1942 a 1945) e Zona Franca (1967).

Como aspecto socioeconômico a considerarmos, a beleza se relaciona e depende das relações de poder. No Brasil, o povo dominante de origem europeia sobrepõe sua imagem aos povos dominados: índios, negros e mestiços. Nesta perspectiva, a representação da mulher amazônica como índia não necessariamente se faz como representação de beleza.

À vista disso, o estudo centra nas mentalidades que se moldam, no pensamento coletivo, sobre a beleza feminina amazônica e como estas se estabelecem. Ademais, se faz necessário salientar que esta pesquisa é um projeto *transdisciplinar*², pois busca não somente centrar na *literariedade*³, mas também em outras perspectivas, em nosso caso, a discussão de estereótipos a partir de personagens femininos de *Dois Irmãos* de Milton Hatoum e nas campanhas publicitárias.

Enquanto métodos e aporte teórico, a pesquisa se fundamenta no *pensamento complexo*⁴ e nos estudos teóricos literários de Todorov⁵ e Compagnon⁶, como respaldo de

² Por *transdisciplinar*, conforme Piaget (1970) no I seminário Internacional sobre pluri- e interdisciplinaridade, na Universidade de Nice, é uma etapa superior à interdisciplinaridade, uma vez que o transdisciplinar não se contenta em interações ou reciprocidades, mas em uma ligação no interior de um sistema que ultrapassa fronteiras das disciplinas.

³ Por *literariedade*, conforme Antonie Compagnon (1999), é termo utilizado pelos formalistas para designar a leitura do texto pelo texto.

⁴ O *pensamento complexo*, método proposto por Morin (2011a) para compreender a ciência em sua atualidade a partir da discussão da complexidade.

⁵ Conforme o que se pode ler em *A literatura em perigo*, de Trevisan Todorov (2010).

⁶ Conforme o que se pode ler em *O demônio da teoria: literatura e senso comum*, Antoine Compagnon (1999).

nossa investigação transdisciplinar; nos estudos teóricos na *Teoria da residualidade*⁷, de Roberto Pontes, para compreender os resíduos mentais presentes na Literatura; e, por fim, no *Complexo da Amazônia*⁸, de Djalma Batista que, em seus estudos nos anos que foi diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) já mostrava o universo amazônico em suas particularidades.

1.1 Milton Hatoum e *Dois Irmãos*

Dos escritores nascidos na região amazônica, Milton Hatoum é o que possui maior projeção nacional e internacional devido, principalmente, aos seus romances *Relatos de Certo Oriente* e *Dois Irmãos*, ambos premiados pelo Prêmio Jabuti.

Milton Hatoum nasceu em Manaus e possui descendência libanesa. Aos 15 anos mudou-se da cidade, estudou arquitetura na Universidade de São Paulo (USP). Depois cursou Letras na mesma universidade; retornou a Manaus depois de 18 anos, regressando para uma breve passagem como professor de francês e literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Em 2000, publicou o romance *Dois Irmãos*, chamando atenção do público e da mídia com a história conturbada dos irmãos gêmeos Omar e Yaqub.

O enredo tem como espaço a cidade de Manaus, com seus momentos grandiosos e conflituosos: as festas de carnaval no Clube Rio Negro; a decadência na cidade palafita e sua

⁷ A *teoria da residualidade literária e cultural* foi sistematizada pelo poeta e ensaísta Roberto Pontes e estuda o que remanesce da mentalidade de um tempo em outro, através da cultura e, mais especificamente, da literatura. Publicada no livro *Poesia insubmissa afrobrasílusa* (1999), a residualidade tem como fundamentos basilares os conceitos de resíduo, mentalidade, hibridação cultural e cristalização, provenientes da Química, da História das mentalidades, da Antropologia, e da Geologia, respectivamente, bem como da análise do imaginário popular da humanidade como um todo, no decorrer dos séculos.

⁸ Conforme o que se poder ler em *O Complexo da Amazônia- Análise do processo de desenvolvimento*, de Djalma Batista (2007).

retirada; a implantação da Zona Franca, quando a cidade é atravessada por construções de viadutos, bairros e desmatamento da floresta.

De algum modo, os altos e baixos da família libanesa refletem-se nos altos e baixos da história de Manaus.

Embora os protagonistas da teia narrativa sejam masculinos, nosso projeto escolheu as personagens femininas *Domingas*, *Pau-mulato* e *Lívia* para o estudo do perfil da beleza feminina, conseqüentemente, para que seja possível desconstruir os estereótipos da beleza amazônica.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A Literatura e o Pensamento complexo

Nessa primeira parte de fundamentação teórica, começa o cerne da nossa pesquisa: a literatura relida pelo *pensamento complexo*. Em consonância com os atuais estudos sobre teoria e métodos de investigação literária se aponta ampliar os limites do estudo acerca da linguagem literária de modo que se analise o texto literário nos aspectos subjetivos e objetivos e nas relações com a sociedade.

Em *A Literatura em Perigo*, Todorov afirma que a literatura lhe fez descobrir dimensões que lhe tocavam e incitavam a pensar, por mais que as obras literárias não partilhassem de eventos vividos de relatos pessoais, memórias, obras históricas etc. Contudo, Todorov (2012) esclarece que a com ascensão do fenômeno formalista, disparado, principalmente, pela noção de linguagem poética em Jakobson, a literatura perdeu um pouco

desta essência, uma vez que o formalismo a reduziu ao pensamento que Edgar Morin (2011) denomina de *paradigma simplificador*⁹.

Em razão disso, tanto o estudo do homem e da literatura se desfragmentou, sendo conduzidos a uma concepção de que estudos diferentes devem se separar e isolar, não podendo se correlacionar com outros campos científicos:

O homem é um ser evidentemente biológico. É ao mesmo tempo um ser evidentemente cultural, metabiológico e que vive num universo de linguagem, de ideias e de consciência. Ora, estas duas realidades, a realidade biológica e a realidade cultural, o paradigma de simplificação nos obriga a disjuntá-las ou a reduzir o mais complexo ao menos complexo. Vamos, pois, estudar o homem biológico no departamento de biologia, como um ser anatômico, fisiológico etc. e vamos estudar o homem cultural nos departamentos das ciências humanas e sociais. Vamos estudar o cérebro como órgão biológico e vamos estudar a mente, *the mind*, como função ou realidade psicológica. Esquecemos que um não existe sem a outra, ainda mais que um é a outra ao mesmo tempo, embora sejam tratados por termos e conceitos diferentes. (MORIN, 2011a, p. 59).

Por isso, nesta pesquisa, centrada no literário, se recorre a uma perspectiva científica transdisciplinar. Fundamentada no método de Morin cuja linha científica não simplifica o objeto, pelo contrário, lhe dá o caos que é seu por natureza. Porém, se salienta que não há uma defesa de que estudo literário se concerne apenas em estudo transdisciplinar. Nossa proposta somente mantém ciente que a arte e a realidade se interligam e, que, portanto, devem ser estudadas na literatura.

É necessário dar à literatura o seu lugar libertador. Libertá-la de pensamentos que não conseguem compreender o transdisciplinar que nela existe e lhe possibilitar sua associação com outras áreas, não a restringido a um discurso que a coloca em um lugar isolado.

⁹ Por *paradigma simplificador*, conforme Morin (2011), é quando as ciências vêem o uno, ou o múltiplo, mas não conseguem ver que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo, ou seja, separa o que está ligado ou unifica o que é diverso.

De acordo com Antonie Compagnon (1999), a teoria literária não deveria ter sido reduzida a uma técnica nem a uma pedagogia da literatura, pois se precisa ser irônico e desconfiado do que pensa e ler. A literatura é um processo de reflexão:

Ao contrário, o objetivo é tornar-se desconfiado de todas as receitas, de desfazer-se delas pela reflexão. Minha intenção não é, portanto, em absoluto, facilitar as coisas, mas ser vigilante, suspeito, cético, em poucas palavras: crítico ou irônico. A teoria é uma escola de ironia. (COMPAGNON, 1999, p. 24).

Ademais, Compagnon (2012) afirma que as teorias se converteram em um credo, uma religião, principalmente aquelas que elidiam por completo a essência cultural e comportamental da narrativa:

Então, a teoria ou as teorias seriam um pouco como doutrinas ou dogmas críticos, ou ideologias. Há tantas teorias quanto teóricos, como nos domínios em que a experimentação é pouco praticável. A teoria não é como álgebra ou a geometria: o professor ensina sua teoria, o que lhe permite, como a Lanson, pretender que os outros não têm nenhuma. Perguntar-me-ão: qual é a sua teoria? Responderei: nenhuma. (COMPAGNON, 1999, p. 23).

Já Todorov (2012) cita Constant ao falar sobre o didatismo na literatura, na qual afirma que não há maneira de separar a literatura do mundo:

Ele situa a prática literária no cerne dos outros discursos públicos, como deixa claro esta passagem datada de 1807: “A literatura refere-se a tudo. Não pode ser separada da política, da religião, da moral. É a expressão das opiniões dos homens sobre cada uma das coisas. Como tudo na natureza, ela é ao mesmo tempo efeito e causa. Imaginá-la como fenômeno isolado é não imaginá-la.” (TODOROV, 2012, p. 60).

Sendo assim, a literatura é a expressão das opiniões dos homens. Não deve ser somente vista por um pensamento redutor que apenas observa elementos (aspectos textuais) ou por um pensamento globalizado que vê o todo. Deve ser estudada por inteira, uma vez que não dá para estudar o todo sem as partes, e as partes sem o todo. Morin (2011a) explicita isto,

com o pensamento de Pascal: “Considero impossível conhecer as partes, enquanto partes sem conhecer o todo, mas não considero menos impossível a possibilidade conhecer o todo sem conhecer singularmente as partes” (MORIN, 2011a, p.103).

2.2 A Residualidade Literária

Antes da *História da Mentalidade*, os estudos históricos eram investigados a partir de documentos e artefatos. Com a *Escola de Anais*, a literatura e a arte passaram a ser objetos de estudos dos historiadores que começaram a compreender e explicar a História pela mentalidade, ou seja, pelos aspectos comportamentais e culturais de determinados grupos. Em base disto, Pontes (1999) fundamentou a *Teoria da Residualidade*, no mesmo molde proposto pela Escola de Anais, uma vez que o objeto de estudo da Literatura são, justamente, as obras literárias. O diferencial da teoria de Pontes foi trazer, da História para Literatura, o posicionamento de que obras literárias podem explicar e carregar fatores culturais e comportamentais. Podendo, a literatura, ser estudada tanto nos aspectos formais como não formais.

2.2.1 Os aspectos teóricos da Teoria da residualidade cultural e literário

Segundo William Craveiro Torres (2013), os princípios da teoria da residualidade estão nos seguintes vértices: *mentalidade/imaginário*, *residual*, *hibridação cultural e cristalização*. Sendo os elementos retirados de outras áreas, e revistos e renomeados na perspectiva da residualidade. A noção de mentalidade/imaginário foi elaborada a partir da

École de Annales, especificamente, na História das Mentalidades; o residual a partir de Raymond Williams; hibridação cultural de Peter Burke; cristalização de Guerreiros Ramos:

Para tanto, ele não, só tomou emprestado ideias e termos de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento humano (como a História, a Antropologia, a Literatura e até mesmo a Química) como também (re) trabalho esses termos, de modo, criar os seus próprios, para aclimatá-los à realidade brasileira. (TORES, 2013, p. 85).

O que a primeira vista pode parecer uma simples mudança de nomenclatura de termos, por exemplo, na verdade traz em si, uma demorada reflexão quanto ao vocábulo que melhor explica determinado processo. Essa escolha da melhor palavra certamente advém do fato de ser também, antes de qualquer coisa e acima de tudo, poeta, o teórico em questão. (TORRES, 2013, p. 87).

De acordo com a teoria da residualidade literária e cultural, podemos compreender os comportamentos atuais a partir de mentalidades passadas, que são traços residuais de outras épocas:

A mentalidade tem a ver não só com aquilo que a pessoa de um determinado momento pensa. Mas um indivíduo e mais outros indivíduos, a soma de várias individualidades, redundando numa mentalidade coletiva. E essa mentalidade coletiva é transmitida através da História. Por meio da mentalidade dos indivíduos, a mentalidade coletiva se constrói. E esta última é transmitida desde épocas remotas, e mesmo remotíssimas a épocas recentes. (TORRES, 2013, p. 13).

Os *resíduos* são vivos, e não mortos, uma vez que “resta como material que tem vida, porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova” (TORRES, 2013, p.09). À vista disso, as mentalidades contemporâneas possuem seus *resíduos cristalizados*, ou seja, por mais que existam novos comportamentos, o antigo está enredado no novo, e dificilmente se pode mudá-lo. E desse processo, segue o *hibridismo cultural*, que são os contatos culturais que podem ocorrer seja por interação ou troca de elemento.

Em nossa pesquisa, utilizamos desta teoria para explicar a mentalidade que circunda a região Amazônica sobre os tipos físicos dos habitantes da região, uma vez que buscamos desconstruir os estereótipos que desfavorecem os valores simbólicos culturais.

2.3 O estereótipo amazônico e a residualidade complexa

Àqueles que não habitam a região amazônica, persiste a mentalidade sobre a mulher amazônica como somente a de traços indígenas. Mas como dito antes, a Amazônia não se compõe somente de indígenas. Então veremos o porquê de enquadrar o perfil amazônico nestes traços. Provavelmente porque existe uma mentalidade cristalizada ao longo do tempo, que conduziu a Amazônia como região isolada, cercada por floresta tropical, habitada por índios, e com uma fraca economia em relação a outros estados. Esta mentalidade que se configurou no imaginário coletivo revela uma inferioridade, uma vez que aparenta que somos outros e os outros são aqueles, em um processo de limitação cultural de meio e raça. Elidindo, assim, o fato que o povo amazônico carrega um berço repleto de possibilidade e juízos erigidos por fatos históricos (Ciclo da Borracha, a Cabanagem, implantação da Zona Franca), que comprovam uma Amazônia que ultrapassa nomenclaturas.

2.3.1 Amazônia e sua diversidade

Segundo Djalma Batista (2004), em aspectos culturais, a Amazônia teve grandes choques. A começar pelo encontro do colonizador europeu com os índios:

Para o índio, os resultados desse choque foram sumamente graves; houve mudança dos métodos de trabalho e dos hábitos alimentares; a imposição de novas crenças, embora o absurdo de pretender que o primitivo pulasse, de um salto, do politeísmo ao monoteísmo; o propósito de subordiná-lo, pela

escravidão declarada ou disfarçada aos conquistadores, além de modificações profundas na estrutura familiar. (BATISTA, 2007, p.55).

Apesar de o colonizador europeu ter exterminado os hábitos e crenças dos indígenas, ainda sobrevive o espírito indígena no povo amazônico, por mais que muitos não saibam, por exemplo, rituais e festas indígenas, ou conheçam seus frutos e especiarias. Não temos o contato direto, mas “a terra é substancialmente índia na sua alma e muito no aspecto de seus habitantes.” (BATISTA, 2004, p. 56). Ou seja, existe uma herança cultural e simbólica que ultrapassa as barreiras do caráter físico.

Depois, houve a chegada, em terras amazônicas, dos nordestinos, que se deslocavam de sua região em busca de vida nos seringais de borracha:

As primeiras levas de imigrantes a chegar foram de maranhenses e se localizaram inicialmente no Tocantins. A partir das grandes secas de 1870, começaram a vir também imigrantes do Nordeste oriental, principalmente do Ceará e menos do Rio Grande do Norte e demais Estados. Nessa altura os braços já estavam sendo disputados. (BATISTA, 2007, p.71).

De acordo com Batista (2004), o Ciclo da Borracha foi uma grande transformação na Amazônia brasileira, representando um capítulo de grandeza e de miséria, sendo, talvez, o grande fantasma econômico que assolou a região por anos, e que ainda assola. Deste momento histórico, se aponta a chegada de vários outros povos que se integraram aos que já estavam na região, como, por exemplo, o nordestino que trouxe, de sua terra, a sua cultura e do mulato também. Houve então uma troca de valores culturais entre nordestinos, europeus, negros, indígenas em um processo de *transculturação*.

Outro momento histórico da Amazônia é o ciclo econômico da Juta, com a chegada dos japoneses na região, e, logo, a criação da Zona Franca¹⁰, especificamente ocorrida na

¹⁰ Na narrativa de *Dois Irmãos* podemos perceber a interação que a narrativa tem com o desenvolvimento econômico da cidade de Manaus, como por exemplo, quando Zana conhece Halim na década de 1930, e as mudanças comportamentais e urbanas da sociedade com a criação da Zona

Cidade de Manaus. Várias pessoas chegam de outros estados e do interior em busca de trabalho e riqueza através da industrialização, da mesma forma que o Ciclo da Borracha tinha ocasionado anos atrás:

Desde que começou a funcionar em agosto de 1967, depois de reestruturada, a vida de Manaus se transformou radicalmente, abrindo-se uma avalanche de novas casas comerciais e iniciando-se uma atividade econômica trepidante, de há muito tempo desaparecida na cidade, que chegam de gente recém-chegada, à procura novamente dos outros famosos filões de ouro. (BATISTA, 2007, p. 346).

Por fim, a Amazônia se agrupou em uma complexidade cultural, que chegaram, e se estabeleceram e se emaranharam. Mas isto acaba não sendo visto, seja pelo motivo de que Amazônia somente é vista por uma parte, como *A indígena*, *A cabocla* ou *A nordestina*; ou como um todo, sendo assim disfarçado, constantemente, com o pressuposto de identidade amazônica, quando na verdade, são resíduos carregados de épocas passadas.

3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Este projeto é uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental que investiga os estereótipos da beleza feminina amazônica em *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, e os anúncios publicitários da década de 50 a 70, recorrendo ao *pensamento complexo*, de Edgar Morin, e a *teoria da residualidade literária e cultural*, de Roberto Pontes, para embasar os pressupostos relacionados aos porquês da limitação da beleza feminina amazônica aos traços indígenas.

A pesquisa foi realizada nas seguintes etapas:

Franca, onde floresce a industrialização e a cidade abandona o aspecto comercial extrativista, presente até na década de 60.

1. Leitura do romance *Dois Irmãos* de Milton Hatoum;
2. Leitura e fichamento do aporte teórico de *Introdução ao pensamento complexo* de Edgar Morin; A Teoria da Residualidade de Roberto Pontes; *O Demônio da Teoria* de Antoine Compagnon; *A Literatura em perigo* de Todorov; *Complexo da Amazônia* de Djalma Batista;
3. Leitura e seleção de personagens do romance *Dois Irmãos* de Milton Hatoum;
4. Seleção de imagens publicitárias¹¹ para exemplificação do estereótipo da beleza feminina amazônica;
5. Análise, a luz do pensamento complexo e da teoria da residualidade, as características físicas e comportamentais das personagens femininas Domingas e Paulato no romance *Dois Irmãos* de Milton Hatoum.

Ao final da pesquisa, os estudos corresponderam às indagações sobre a complexidade do perfil humano amazônico. No entanto, para compreender esta complexidade foram necessárias algumas mudanças teóricas ao decorrer da pesquisa. Além disso, foram corrigidas algumas perspectivas que levavam a uma limitação de pensamento, sendo estes revistos, constantemente, nas conversas entre orientador e orientando. Por isso, é necessário salientar que os resultados obtidos desta pesquisa são reflexões acerca do que se lia nas teorias e nos diálogos no grupo de estudo em *Literatura, Complexidade e Residualidade*¹².

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

¹¹ Ao comparar arte à companhia publicitária, trazemos para a discussão a noção de culturas de massas de Edgar Morin (2011).

¹² O grupo de estudo em *Literatura, Complexidade e Residualidade* ainda não foi institucionalizado. Atualmente é composto por docentes e discentes na Universidade Federal do Amazonas.

Neste capítulo, explanaremos sobre as personagens femininas do romance *Dois Irmãos* de Milton Hatoum e, em seguida, analisaremos os perfis femininos amazônicos de duas campanhas publicitárias da mesma época. Assim será possível comparar, em nossa perspectiva teórica, a beleza feminina amazônica no contexto literário, enquanto arte, e a escolha para fins comerciais.

4.1 As Personagens Femininas de Milton Hatoum

Na análise em *Dois Irmãos*, escolhemos três personagens para discorrer sobre os tipos físicos locais que constituem o perfil amazônico: o branco, o negro, o indígena e os mestiços.

Primeiro, a personagem Domingas, que vive no casarão da família dos gêmeos desde pequena. Quando criança vivia perto do povoado de São João, na margem do Jurubaxi, braço do Negro. Com a morte de seu pai, foi levada por uma freira das missões de Santa Isabel do Rio Negro a um orfanato da cidade Manaus, sendo oferecida a Zana, mãe dos gêmeos:

[...] Às vezes, quando eu estava estudando debruçado sobre uma mesinha, via rosto de Domingas no vão da janela, o cabelo liso, de cobre, sobre os ombros morenos, os olhos dirigidos para mim, como se me pedisse para dormir com ela, na mesma rede, nós dois abraçados. (HATOUM, 2006, p. 59).

Em seguida, *Pau-mulato*, mulher contrabandista, que Omar se apaixona e foge para viver em um barco. Por mais que seu momento na narrativa seja passageiro, simboliza a personagem *mulata* no romance “Pau-mulato: bela rubiácea. E que apelido para uma mulher!” (HATOUM, 2007, p.100).

Por último, *Lívia* a personagem estopim no conflito entre os irmãos gêmeos, caracterizada como a heroína romântica que se apaixona por um dos personagens, e vive uma

história de amor que ultrapassa barreiras do tempo. Seu papel se contrapõe a imagem de Domingas e Pau-mulato, visto que Livia não é objeto de desejo sexual, mas objeto de paixão pelos personagens principais “[...] quando trepava na mangueira, e em redor do tronco em um enxame de moleques erguia a cabeça e seguia com o olhar a ondulação do short vermelho.” (HATOUM, 2007, p. 21).

4.1.1 A Cabocla Domingas

Através da personagem *Domingas* podemos ilustrar perspectivas sociais e culturais sobre a vida cabocla. Por exemplo, como o fato de quando a missão de Santa Izabel do Rio Negro leva Domingas a um orfanato na cidade de Manaus por causa da morte de seu pai. Este tipo de procedimento feito pelas missões religiosas era comum entre os ribeirinhos da região.

Além disso, na maioria das vezes, estes ribeirinhos, que eram levados pelas missões, tinham por destino as casas grandes ou comércio, e levavam uma vida diferente da simples e extrativista que viviam no interior. No caso de Domingas, ela começa a trabalhar na casa de Zana, e consegue a liberdade que ela não tinha no orfanato. Mas, no entanto, ela continua sendo vista na casa como a empregada índia que foi trazida do interior para viver em uma casa que provavelmente lhe ofereceria mais recursos do que a vida no interior:

Detestava o orfanato e nunca visitou a Irmãzinhas de Jesus; Chamavam-na de ingrata, mal-agradecida, mas ela queria distância das religiosas, nem passava pela rua do orfanato. A visão do edifício a oprimia. As palmadas que levou de Damasceno! Não escolhia hora nem lugar para tacar a palmatória. Estava educando as índias, dizia. Na casa da Zana o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela. Vi os gêmeos nascerem, cuidou do Yaqub, brincaram juntinhos... (HATOUM, 2007, p. 57).

Este tipo de mentalidade presente na narrativa demonstra a depreciação e o desconhecimento cultural que se circunda sobre os índios e os caboclos, que consideram suas vidas inferiores a dos demais. Além disso, há a confusão cultural de Domingas, considerada “índia” pelos demais personagens: “Quer dizer que vamos passar a vida sozinhos neste casarão? Nós dois e essa indiazinha no quintal? Quanto egoísmo, Halim” (HATOUM, 2006, p. 49)”; de modo o caboclo e o índio pertençam ao mesmo grupo.

Os demais personagens assumem, desse modo, a posição de unificar índia e cabocla como à margem da sociedade, e a qual não há cuidado (há desprezo) na escolha da adjetivação. Na Amazônia de Hatoum, Domingas é a que se encontra na fronteira de ser cabocla ou índia, é a cabocla tratada como índia, numa relação de dominantes e dominados, colonizadores e colonizados conforme a mentalidade social de sua época.

Além disso, Domingas é a personagem que personifica a mulher amazônica. Os seus traços são considerados os predominantes na região pela indústria cultural, e que, portanto, é o apontado como beleza padrão regional, por mais que não sejam condicionados pela massa.

4.1.2 A Pau-Mulato

De acordo com Djalma Batista, o negro e o mulato foram introduzidos na região amazônica pelos nordestinos no período do Ciclo da Borracha:

Os resultados obtidos, todos estatisticamente significantes, demonstraram o alto teor de sangue índio e a presença do sangue negro, originário dos nordestinos, existentes na população. [...] Tais dados confirmam, realmente, o que se vê no Pará, no Amazonas, em Roraima, olhado para o tipo físico das pessoas encontradas nas ruas de cidades ou beiras dos rios, especialmente na localidade do Baixo e Médio Amazonas, em todo o Rio Negro e no Alto Rio Branco, onde mais intensamente predominou a cultura ameríndia. (BATISTA, 2004, p.62).

Na narrativa hatouniana, *Pau-mulato* é a representação mulata que chama atenção por seu tipo físico, e por quem Omar se encanta:

Uma gigante. Uma mulher maçuda, roliça, alta e escura. Um tronco de mulateiro. Por pouco, uma pura africana. O rosto esculpido, a pele lisa, o nariz pequenino. Uma covinha no queixo, de dar água na boca. Uma boca normal. Um riso solto, musical, notas agudas que graves, em tons de bandalheira. Cabelo longo, alisado, ainda assim crespo. Uma trancinha caindo no ombro direito, salpicada de pontos prateados, bijuteria barata, por certo. Os anéis delas, estes sim: metal precioso. O colar, miudezas de marfim, lá da terra ancestral dela. Beijaram-se na boca. (HATOUM, 2007, p. 107).

Como se sabe, as mulatas foram e continuam sendo associadas como objeto de desejo sexual dos homens, comportamento que ainda habita na mentalidade coletiva por causa dos *resíduos cristalizados* da sociedade brasileira sobre os negos e os mestiços.

Deste modo, *Pau-mulato* é vista como a personagem sensual e divergente, uma vez que a representação negra não se associa à região Amazônica. Constrói-se a realidade amazônica a partir do perfil caboclo, indígena, mas não do cafuzo, mulato e negro. Sendo assim, estes são quase excluídos do panorama cultural da região.

O negro e o mulato são tratados como os *outros* da região, porém se faz necessário a compreensão de que eles não são os outros. Eles fazem parte da complexidade racial de nossa região, e ocupam um papel importante em nossa história, que às vezes, não se ilustra na nossa cultura.

4.1.3 A heroína romântica, Lívia

Por mais que *Lívia* apareça raras vezes no romance, ela é o estopim da briga dos irmãos gêmeos, sendo a heroína romântica que ambos lutam para ter. Diferencia-se de *Domingas e Pau-mulato*, por não ser objeto sexual dos irmãos, mas o amor de infância deles.

No romance, *Lívia*, aparece de acordo com as fases de infância, adolescência e vida adulta. Nos, primeiros capítulos, na fase da infância, como a “A menina loira apreciava um selo raro, e seus braços roçavam os dos gêmeos.” (MILTON, 2007, p. 21) que provoca ciúmes entre os irmãos e atrai outros meninos da rua por sua beleza e malícia: “Não era sonsa, era uma mocinha apresentada, que sorria sem malícia e atraía os gêmeos e todos os meninos da vizinhança quando trepava na mangueira, e em redor do tronco em um enxame de moleques erguia a cabeça e seguia com o olhar a ondulação do short vermelho.” (HATOUM, 2007, p. 21).

Depois, em dois momentos, quando visita *Yaqub* já na adolescência “Parecia à mesma menina, só que naquela visita a *Lívia* mostrava uma parte dos peitos e das coxas, disse-me *Domingas*.” (HATOUM, 2007, p. 35) e depois adulta:

Halim pôs a mão na cabeça, confirmou: “Isso mesmo: Omar encheu o rosto da *Lívia* de obscenidade, cobriu as fotografias do álbum de casamento com palavrões e desenhos... *Yaqub* ficou louco... Não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz... Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar”. (HATOUM, 2007, p. 93).

Dentro da narrativa, *Lívia* é uma personagem que exerce grande poder sobre os irmãos, que, apaixonados por ela, acabam se desentendendo e levando a desavença até os últimos momentos da narrativa, na qual *Yaqub* se lembrará da cicatriz ocasionada por Omar, e Omar se lembrará do beijo de *Lívia* em *Yaqub*.

Como se percebe, Livia possui um perfil diferenciado das demais. A personagem apresenta características doces e sensuais, mas que, em nenhum momento, ultrapassa os limites deste perfil. O papel de Livia é a de heroína da história, duelada pelos dois irmãos.

4.2 Peças publicitárias

As peças publicitárias foram escolhidas de acordo com levantamentos históricos feitos em *Dois Irmãos*, visto que seus episódios enquadram-se a determinados momentos no cenário brasileiro e amazônico, transportando-nos ao que Morin explicita enquanto “seres singulares em seus contextos e em sua época” (MORIN, 2011a, p. 57). Deste modo, com as peças publicitárias, se investiga as belezas físicas que se compõem de acordo com o contexto e sua época. Por isso que a escolha pelo romance *hatouniano* foi fundamental para a seleção das peças publicitárias.

Para as peças publicitárias, foram selecionados cinco momentos históricos: 1. Em 1939, a Segunda Guerra Mundial; 2. O ano de 1950, eleição de Getúlio Vargas; 3. Década de 60 adiante, Cidade Flutuante; 4. Em 1964, Golpe de estado no Brasil; 5. Década de 70 adiante, criação dos bairros em outras zonas. Todos os episódios seguem uma linha cronológica dentro da narrativa de *Dois Irmãos*.

Os levantamentos dos dados publicitários foram realizados na Biblioteca Pública Estadual do Amazonas¹³, sendo examinados, os seguintes jornais: *Jornal A crítica*¹⁴ e o *Jornal*¹⁵.

¹³ A Biblioteca pública do estado do Amazonas se localiza no centro da cidade de Manaus. Foi restaurada, recentemente, e possui um acervo de jornais e livros antigos.

¹⁴ O jornal *A crítica* foi fundado em 1949, por Umberto Calderaro Filho no Amazonas.

¹⁵ Atualmente, com o nome *Jornal do Comércio*, fundado em 2 de janeiro de 1904.

4.2.1 A mulher nas peças publicitárias

O que constatamos das peças publicitárias coletadas entre 1930 a 1970 são que as campanhas publicitárias direcionavam a mulher a um papel de *dona-de-casa*. Não se tinham propagandas que fossem específicas ao estético feminino. No entanto, as campanhas que eram publicadas ilustravam um tipo físico característico: mulheres brancas.

Na foto abaixo, do *Jornal A crítica*, de 1954, observamos uma mulher que não se iguala ao tipo físico da região Norte:

Figura 1 – Campanha publicitária da Nescafé ilustrada por uma mulher de traços delicados e finos (1954).

FONTE: Acervo da Biblioteca Pública Estadual do Amazonas, 2014.

Outra campanha publicitária que também ilustra esse tipo característico é de 1964 do

O Jornal:

FINALMENTE!!!
V. sabe o que é
Campanha Milionária Cilar
Feita para Você ganhar!

15 GRANDES PRESENTES DE ANIVERSÁRIO

1. REFRIGERADOR BRASTEMP CONQUISTADOR	2. DORMITÓRIO RITZMANN COM 9 PEÇAS	3. SALA DE JANTAR COM 9 PEÇAS
4. REFRIGERADOR BRASTEMP PRÍNCIPE	5. CONJUNTO CITYTEX COM SOFÁ E DUAS POLTRONAS	6. ELETROLA SEMP

Quanto mais V. comprar... mais chance tem de ganhar

É simples participar... Basta comprar em CILAR

Durante 7 meses: de 1.º de junho a 31 de julho de 1964, Nestlé S.A. sorteará aos 15.º aniversário oferecendo aos seus clientes 3 grandes chances:

1. Oito grandes prêmios de aniversário em que cada compra em CILAR dá uma chance.
2. Uma vitória instantânea: CILAR para cada compra que V. fizer.
3. Não pode perder no sorteio, com as peças compradas em CILAR.

NOTA: Uma comissão que oportunamente será divulgada, fará o levantamento das compras efetuadas durante os meses citados, e procederá à distribuição e entrega dos prêmios aos felizes.

RELAÇÃO DOS PRESENTES

- 7.º prêmio - Armário para copos Andreoli
- 8.º prêmio - Fogão à gás Semp
- 9.º prêmio - Colchão de Malas Epeda Casal
- 10.º prêmio - Máquina de costura Elgin com 5 gavetas
- 11.º prêmio - Escaradeira Walita
- 12.º prêmio - Colchão de Malas Epeda Solteiro
- 13.º prêmio - Rádio Franklin Transistor
- 14.º prêmio - Botedeira de Bolo Walita
- 15.º prêmio - Ventilador Lustrano

Figura 2 – Campanha que ilustra outra mulher, mas com o mesmo tipo físico da anterior (1964)

FONTE: Acervo da Biblioteca Pública Estadual do Amazonas, 2014.

Como observado, as duas peças publicitárias ilustram um tipo físico predominante, o caucasiano, com ausência absoluta da negra, mulata, cafuzo, índia e cabocla. As campanhas, também perpassavam o domínio europeu e norte-americano.

4.3 Relação entre as personagens femininas de *Dois Irmãos* e as peças publicitárias

Nas campanhas publicitárias dos anos 30 a 70, existe uma valorização estrangeira do perfil caucasiano, por mais que o Brasil seja um país mestiço. Identifica-se, em jornais daqueles anos, que os mestiços e as mestiças não tinham lugar nas campanhas, e seus aparecimentos são nulos. Observa-se, assim, um prejuízo cultural e social, que ainda se conserva na atualidade. Trata-se de resíduos construídos e perpetuados como estereótipos da noção de periferia que cabe aos perfis mestiços.

A escolha da mulher caucasiana faz parte dos critérios de padronização e de individualização que caracterizam a indústria cultural. De modo que “quanto mais à indústria cultural se desenvolve, mais ela apela para a individualização” (MORIN, 2011, p. 21).

Já em *Dois Irmãos* se afirma a diferença física, social e cultural de Domingas, Pau-Mulato e Lívia. As personagens representam a Amazônia das décadas passadas e nos levam a pensar na formação cultural da região após a explosão econômica do Ciclo da Borracha.

A nosso ver, Domingas representa o indígena e o caboclo, em um processo de transculturação, comum da região. Percebe-se, nela, esta Amazônia multicultural, que vive e se inter-relaciona com outras culturas, não elidindo nem uma e nem outra. Domingas ultrapassa as barreiras do estereótipo da publicidade e do imaginário coletivo. Ela é a cabocla que carrega os saberes da região amazônica, que conhece os cantos e o cheiro do rio. Mas, apesar disso, Domingas, continua na sua limitação de ser a índia, carregada de resíduos delimitadores que circundam a cultura cabocla e indígena. Ainda se carrega a mentalidade que os que vivem na beira do rio ou nas florestas necessitam ser catequizados, introduzidos na civilização, para terem uma vida melhor, em base de uma perspectiva capitalista.

Diferente de Domingas, Pau-mulato não chega a inferir profundamente no romance a sua cultura negra e mulata na narrativa. No entanto, se contesta a importância desta personagem na narrativa, por mostrar a situação social e econômica dos mulatos e negros que sofriam preconceitos por causa da cor de pele, e viviam em condições precárias, o que os levava a calotear pessoas, por ser a única via de sobrevivência. Ademais, Pau-mulato cai na mentalidade de que mulheres negras e mulatas são extremamente sensuais por causa de seu corpo e cor de pele, e que por isso levam os homens à perdição.

Em contraposição a estas, Lívia mostra uma diferença social e comportamental. A narrativa lhe reserva a beleza pura e virginal, mas sensual também. É a heroína do romance amazônico, com traços europeus, assim como nas campanhas publicitárias que trazem perfis de biótipos caucasianos. Ela é a personagem que evidencia a supremacia racial e social na Amazônia “civilizada”, ou seja, a supremacia branca, detentora do poder e que dos vivem nas grandes cidades.

Sendo assim, as personagens identificadas permitem perceber a diversidade de raças e culturas na Amazônia em seus processos de colonização e ciclos econômicos. Contudo, cada personagem ocupa um papel social e cultural conforme a mentalidade cristalizada no decorrer dos séculos. A personagem branca ocupa o papel de heroína romântica, enquanto que a cabocla e negra ocupam papéis inferiores. Estas posições sociais e culturais reforçam os preconceitos e estereótipos. No caso desta pesquisa, podemos perceber os resíduos cristalizados sobre a personagem Domingas como o tipo físico predominante de quando quer representar a Amazônia.

Ainda permanece no imaginário coletivo a ideia da região em processo de desenvolvimento, residida em aspectos indígenas, inferior ao domínio colonizador: Uma

mentalidade que sobrevive nos dias atuais e que confina em personagens como Domingas, com o valor simbólico e cultural destes povos que habitam a região.

Conforme Morin:

Podemos adiantar que uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam valores. (MORIN, 2011b, p. 5).

Em oposição, podemos perceber a complexidade da literatura, a qual, à frente da mídia delimitadora, compreende o complexo cultural da região, não atende às mazelas da cultura de massas enquanto objeto de manipulação. Na literatura estão personagens, em seus aspectos culturais e comportamentais, conforme o que lhes cercam, em um processo que não delimita, mas em um processo de representação, transformação e crítica da realidade.

5. CONSIDERAÇÕES

A pesquisa tinha como proposta inicial a desconstrução da beleza feminina amazônica, (comumente representada em traços físicos indígenas) a partir do pressuposto de que a beleza se constrói a partir de comportamentos e culturas de um grupo social. Desejou-se, portanto, ilustrar que a formação cultural da Amazônia reside em outros povos e culturas, e que não pode ser confinada somente em aspectos físicos. Neste propósito, procurou-se comprovar tal argumento por meio da literatura, de propagandas publicitárias e de informações históricas.

Deste modo, as respostas de nossas indagações foram investigadas através das personagens femininas de *Dois Irmãos* e nas campanhas publicitárias, na qual os resultados obtidos finais foram a comprovação da diversidade cultural dos tipos humanos presentes na

narrativa em oposição às campanhas publicitárias com retratos femininos que respondem aos anseios da cultura de massas.

Além disso, detrás da diversidade cultural encontrada na narrativa, foi observado que resíduos cristalizados circundam as personagens, uma vez que elas são caracterizadas a partir do contexto social histórico, ao mesmo tempo, trazendo resíduos de outras épocas.

Em razão disso, a pesquisa, que se fundamentou no paradigma da complexidade e nos estudos de residualidade, nos levou a compreender que os resíduos cristalizados são, na verdade, os estereótipos, os quais, embora tenham sofrido processos de cristalização ao longo dos tempos, ainda permanecem na mentalidade coletiva, sendo difundidos constantemente na cultura de massas.

Concluimos, assim, que é difícil desconstruir uma imagem ou um estereótipo por causa destes resíduos que permanecem no imaginário (na mentalidade coletiva). Embora pela literatura tenhamos a compreensão da complexidade humana amazônica, a região ainda será vista com aspectos de tempos passados, mesmo que o tempo permita pequenas mudanças, e é isto que aqui compreendemos acerca da construção da beleza feminina amazônica. Do projeto de desconstrução da beleza amazônica, esta pesquisa nos orienta no caminho de reconhecer a beleza na complexidade das mulheres índias, negras, mulatas, caboclas e caucasianas da região, sem que esta se sobreponha sobre aquela.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia: Análise do processo de desenvolvimento*. 2 ed. Manaus: Valer e Impa, 2007.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria; literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TORRES, José William Craveiro. *Além da Cruz e da Espada: Acerca dos resíduos clássicos d'a demanda do Santo Graal*. 2011. 382.f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução Eliane Lisboa. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

_____. *Cultura de massas no século XX: neurose*. V. 1. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011b.

PIAGET, J. *Problemas gerais da investigação interdisciplinar e mecanismos comuns*.

Tradução Maria Barros. Paris: Bertrand, 1970.

PONTES, Roberto. *Poesia insubmissa afrobrasílusa: estudo da obra de José Gomes Ferreira,*

Carlos Drummond de Andrade e Agostinho Neto. Edições UFC, Rio de Janeiro: Oficina do

Autor, 1999.

SEVERINO, Antonio J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro:

DIFEL, 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Grupo de Linguagem, Mídia e Moda (MIMO) por ter me dado à oportunidade de exercer a pesquisa científica.

Aos meus pais, irmã que incentivaram e apoiaram meus estudos.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Cássia Maria Bezerra do Nascimento pela dedicação, paciência e orientação.

Ao escritor Tenório Telles pelas palavras de determinação, carinho e força.

Ao Maurílio Ramon, Rafael Martins, Paulo Alexandre Simonetti, Camila e Carol de Abreu, pelo apoio nos momentos mais complicados da pesquisa.

Às minhas companheiras de PIBIC, Harisa Lira e Leidiane Silva.

À Universidade Federal do Amazonas e ao Departamento de Apoio à Pesquisa, pela paciência e comprometimento com os discentes.

À Fundação de Amparo do Estado do Amazonas, financiadora do projeto.

CRONOGRAMA

No	Descrição	Ago 2013	Set	Out	Nov	Dez	Jan.2014	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago 2014
1	Leitura e fichamento dos livros de aporte teórico.	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R		
3	Seleção e estudo das passagens mais significativas para a temática do projeto de Dois Irmãos de Milton Hatoum.	R	R	R	R	R	R							
4	Seleção e leitura de peças publicitárias.				R	R	R	R	R					
5	Elaboração do relatório parcial.				R	R	R							
6	Elaboração do relatório final e apresentação no CIELI 2014							R	R	R	R	R	R	
	Apresentação													

7	no CIELI 2014																			P
---	------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

Realizado –R

Previsto – P